



Infomemory of the ghost neighborhoods of Maceió: Case Braskem

Infomemória dos bairros fantasmas de Maceió: Caso Braskem

FERREIRA, Isaac Roberto⁽¹⁾; BUFREM, Leilah Santiago⁽²⁾

⁽¹⁾ 0009-0005-4160-7241; Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco (PE), Brasil. isaacmoraes09@gmail.com.

⁽²⁾ 0000-0002-3620-0632; Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco (PE), Brasil. santiagobufrem@gmail.com.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

Five years ago, Maceió experienced an environmental catastrophe due to irregular mining carried out by the company Braskem. On that occasion, 60,000 people left their places of residence due to soil subsidence, and upon vacating, they wrote protest messages on the structure of their homes, which are part of the memory not only of this population, but of Alagoas society as a whole. The writings bring traces, traces, information that feed collective memories, however ephemeral, as real landscapes are vulnerable to external factors, with digital networks as a preservation resource, perhaps soon the only one, where they are inserted into social networks in photography. This article aims to succinctly analyze the importance of infomemorial traces present in the writings on the houses of the so-called ghost neighborhoods, recorded in photographs. The methods used are bibliographic and digital survey; Next, the analysis of photographs made available on the social network Instagram is carried out, in a specific profile of the project entitled Projeto Ruptura. After analyzing the photographs, we concluded that the material available on Instagram is important for individual and collective memories of former residents of ghost neighborhoods, these new “places of memory”, which allow access and dissemination of this content. However, the memory consolidated in material or intangible heritage is protected, but the ephemeral memory present in those registered can only rely on digital records, which are also ephemeral.

RESUMO

Há cinco anos, Maceió vivencia uma catástrofe ambiental devido à mineração irregular realizada pela empresa Braskem. Na ocasião, 60 mil pessoas saíram de seus locais de moradia em razão de subsidência do solo, e na desocupação, escreveram na estrutura de suas casas mensagens de protesto, que fazem parte da memória não apenas dessa população, mas da sociedade alagoana como um todo. Os escritos trazem vestígios, traços, informações que alimentam memórias coletivas, porém efêmeras, pois as paisagens reais estão vulneráveis a fatores externos, tendo as redes digitais como recurso de preservação, talvez em breve o único, onde são inseridos nas redes sociais em fotografia. Este artigo tem por objetivo analisar, de modo sucinto, a importância dos vestígios infomemoriais presentes nos escritos nas casas dos chamados bairros fantasmas, registrados em fotografia. Os métodos utilizados são os de levantamento bibliográfico e digital; em seguida, é realizada a análise de fotografias disponibilizadas na rede social Instagram, num perfil específico do projeto intitulado Projeto Ruptura. Após a análise das fotografias, concluímos que o material disponibilizado no Instagram é importante para memórias individuais e coletivas dos ex-moradores dos bairros fantasmas, esses novos “lugares de memória”, que permitem acessar e disseminar esse conteúdo. Contudo, a memória consolidada nos patrimônios material ou imaterial é protegida, mas a memória efêmera presentes nos inscritos só poderá contar com os registros digitais, também efêmeros.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 20/10/2023

Aprovado: 05/12/2023

Publicação: 30/12/2023



Keywords:

Memory, Project Ruptura, Ephemera

Palavras-Chave:

Memória, Projeto Ruptura, Efêmera

Introdução

Em 28 fevereiro de 2018, Maceió enfrentou fortes chuvas de verão e alguns bairros da parte alta apresentaram, logo depois, algumas rachaduras, fendas no solo e em imóveis. No mês seguinte, no dia 03 de março à tarde, houve um abalo sísmico com magnitude de 2,4mR (escala de magnitude regional para o Brasil), de acordo com Nascimento e Sobrinho (2022), sentido por boa parte da Capital, principalmente pelos bairros mais centrais. Moradores se desesperaram e esvaziaram prédios e casas, asfaltos cederam e mais rachaduras surgiram em paredes. Começava assim a saga de 60 mil pessoas que tiveram que deixar seus locais de moradia em razão da possibilidade de subsidência do solo da região que moravam. Além das famílias, que deixaram para trás memórias muitas vezes de mais de meio século nas localidades, a situação causou uma verdadeira hecatombe na cidade, com o êxodo de milhares de pessoas para outros bairros, afetando tanto a parte econômica como social da capital.

No início do problema, no primeiro semestre de 2018, quando as rachaduras foram se multiplicando e pessoas começaram a deixar suas casas voluntariamente, já se atribuía a culpa à mineradora Braskem S.A., maior petroquímica das Américas, controlada pelo grupo baiano Odebrecht (agora “Novonor”), que extrai do solo maceioense durante décadas o sal-gema, substância formada por cristais de cloreto de sódio, cloreto de potássio e cloreto de magnésio, que há 120 milhões de anos sedimentaram formando jazidas na superfície terrestre.

A confirmação da culpa da mineradora veio em maio de 2019, quando a CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, vinculada ao Ministério de Minas e Energia e que possui atribuições de Serviço Geológico do Brasil, após estudos recomendados pelo Ministério Público Estadual de Alagoas, divulgou um relatório onde é atribuído à atividade de mineração o afundamento do solo na região e ampliou o mapa de risco do bairro do Pinheiro (inicialmente o mais atingido) para mais quatro bairros nas proximidades – Mutange, Bom Parto, Bebedouro e parte do Farol. Todos residenciais, com mais de 14 mil imóveis condenados.

A Braskem S.A. ativou um processo de “cemiterização”, numa área urbana de Maceió, atingindo quatro bairros e parte de um, que hoje são depositários de memórias coletivas e individuais e as instituições de memória teriam um papel fundamental em prol da manutenção não apenas da memória enquanto patrimônio cultural, mas também dessas memórias efêmeras inscritas nos muros das casas abandonadas, no chão e no corpo dos bairros, porém não se sabe de medida alguma institucional que tenha sido tomada para registro dessas memórias efêmeras por essas instituições oficiais.

Levando-se em consideração os registros no corpo estrutural dos bairros atingidos pela subsidência do solo, Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto e Farol, e que tais registros constituem-se em memória efêmera, ou seja, tendem a desaparecer pela ação do tempo ou da própria empresa Braskem no caso de demolições que já estão ocorrendo, o nosso problema de pesquisa é: o que já foi realizado a partir do meio físico para os meios digitais sobre o caso, no

intuito de manter viva a memória efêmera dos grupos atingidos, numa tentativa de lutar contra o esquecimento conveniente de outras partes envolvidas no processo?

Este trabalho se justifica na área da Ciência da Informação (C I) em razão de vermos tais registros nos bairros citados como traços infomemoriais. De acordo com Nascimento e Azevedo Netto (2016), traços infomemoriais são informações em potencial encontradas em artefatos, que servem como suporte ou representação material de uma memória, alimentando-a. A memória na CI é a representada, organizada, manifestada na representação daquele objeto, que se faz no tempo presente. No caso da memória presente nos bairros, temos uma infomemória.

Para responder à questão de pesquisa, tem-se como objetivo geral analisar os traços infomemoriais nos registros fotográficos feitos nos bairros fantasmas, depositados em meios digitais. Assim, pretendemos explicitar a necessidade de atenção a ser dada a esses artefatos, também representativos, como chama Pierre Nora (1993), de nossos lugares de memória. Especificamente, temos como objetivos divulgar iniciativas socioculturais de preservação e divulgação dessas memórias efêmeras registradas, além de realizar levantamento de material disponibilizado em rede social sobre a memória efêmera dos moradores por intermédio do perfil do projeto intitulado Projeto Ruptura. Por fim, iremos às considerações finais, entre as quais destacamos a conclusão de que os artefatos fotográficos das inscrições existentes nos bairros fantasmas são importantes para a memória de Maceió, à medida que estão conectados à história das famílias e da catástrofe. Contudo, não há outras iniciativas além das artísticas ou jornalísticas no sentido de preservação dessas memórias efêmeras, a não ser a inserção nas redes digitais, que também apresentam limitações de efemeridade com relação ao registro de informação.

As imagens capturadas nos bairros fantasmas e replicadas nos meios digitais são o objeto de pesquisa deste artigo.

Para a realização deste trabalho, utilizamos como procedimentos técnicos de coleta de dados: levantamento bibliográfico, que foi realizado em periódicos, disponibilizados em bases de dados na internet, em material contido em livros e dissertações em repositórios, bem como um levantamento digital em informações encontradas em sites oficiais de instituições privadas e sites de notícias relacionados ao tema do trabalho. A partir dos dados coletados, foi realizada análise de conteúdo dos materiais disponibilizados on-line que tratassem direta ou indiretamente das memórias efêmeras dos ex-moradores dos bairros fantasmas. Na análise de conteúdo foi levado em consideração: as cores das fotografias (todas em preto e branco); a clareza das inscrições e que estivessem nos muros das casas (existem algumas, feitas depois, em tapumes construídos). São escolhidas cinco fotografias, em razão dos limites de páginas no evento do qual se originou o artigo, e principalmente levando-se em consideração de que essas fotografias passem o máximo possível da carga emocional de quem as escreveu, além de que, com exceção da figura 2, também façam referência ao tempo cronológico que essas

peças permaneceram morando na região. A pesquisa vem sendo realizada desde março de 2023, sendo o material coletado entre os meses de junho e julho de 2023.

Desenvolvimento

A frase de Cícero “Grande é a força da memória que reside no interior dos locais”, (CÍCERO apud ASSMANN, 2011, p. 317), citada por Aleida Assman (2011) para introduzir o conceito de “Memória dos Locais”, exemplifica bem a situação de cinco bairros de Maceió cuja população foi compulsoriamente retirada em razão de crime ambiental cometido pela mineradora Braskem. As frases nos muros, de despedidas das famílias, de indignação, trazem a necessidade de perpetuação de uma memória individual, mas formada pelo coletivo e também efêmera. Aleida Assman (2011) ainda diz que “o que dota os locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família. Os locais de família ou locais de gerações” (ASSMAN, 2011, p. 320).

Se nosso modo de vida tem se transformado tanto com as mudanças tecnológicas a ponto de podermos estar adquirindo a consciência de vivermos uma estrutura de Infosfera, como chamou Luciano Floridi (2014), na qual todos os aspectos da nossa vida estão diluídos ao digital, é natural que no campo do lembrar, do exercício da memória e da informação, também se esteja o ser humano conectado a novos “lugares de memória” que não os tradicionais de Nora (1993), como bibliotecas, museus e arquivos. Redes sociais, plataformas de compartilhamento de conteúdo e outros mecanismos digitais de registro de informação, que funcionam como exomemória, são o que Pessach (2008, p. 73) chamou de “instituições de memória em rede”.

A diferença das instituições de memória tradicionais para as digitais é a natureza da participação de quem lembra, que se tornou mais colaborativa no compartilhamento e criação de conteúdo e também coletiva. Como diz Ecléa Bosi (1998, p. 17), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Nossa análise se dará a partir de cinco fotografias dos registros nos bairros fantasmas feitos por moradores que deixaram suas casas, disponibilizadas no Instagram, no perfil do Projeto Rupturas.

As cinco imagens escolhidas para representar as demais, presentes nos bairros, ilustram o teor das mensagens, bastante claras, do sentimento quase geral de saudosismo com relação ao local que deixaram compulsoriamente, vinculados à ideia do tempo cronológico passado naquele local, suficiente para a construção de laços afetivos e também da ideia de família em exílio. Aqui evocamos novamente Assman (2011), para quem os locais são dotados de força especial por intermédio da ligação fixa e duradoura com histórias de família. Seriam os “locais de família” ou “locais de gerações”; tais mensagens vinculadas a esta ideia de família são também políticas, pois se está relegando ao exílio não indivíduos avulsos, mas

agrupamentos de indivíduos pertencentes a uma instituição da qual todos fazemos parte e junto à qual temos memória afetiva.

Outro aspecto a se levar em consideração nas imagens é a escolha do Projeto Ruptura pelo Preto e Branco, que evoca nos tons escuros e claros a ideia de conflito, dicotômica, muito bem delineada por Rudolph Arhein (1980) em seu livro *Arte e Percepção Visual*, para o qual o claro e o escuro trazem o dualismo de forças antagônicas, como Bem e Mal, Deus e Diabo, entre outros pares dicotômicos.

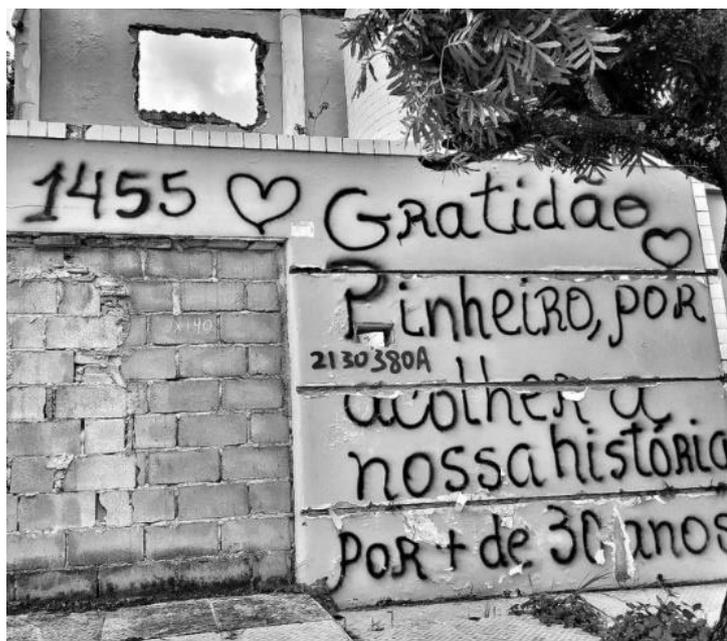
O cientista social Mauricio Puls (2016) coloca que as fotos em preto e branco obedecem à lógica diversa das fotos coloridas, pois sua escala traz em si valores antagônicos de escuridão e claridade, ausência e presença de luz, já as coloridas são formadas por uma escala de matizes diversos e complementares.

É por essa razão que as fotos em branco e preto em geral parecem mais dramáticas e mais trágicas do que as fotos coloridas: é que as primeiras ressaltam os conflitos, as contradições. [...] ao que tudo indica, o emprego do claro-escuro aparentemente aumenta a nossa capacidade de expressar as paixões humanas (Puls, 2016, p. 2).

Nas fotos analisadas, a opção pelo preto e branco consegue fazer com que as frases escritas, na maioria das vezes com letras mais escuras que as superfícies onde estão, possam ser destacadas, contribuindo ainda mais, pelas tonalidades mais fortes, com a aura de luto e revolta que permeia os bairros.

Figura 1.

Muro de uma das casas nos bairros atingidos pela mineração irregular



Nota: Projeto Ruptura - Instagram (2023).

Quanto à presença das imagens no Instagram, há uma preocupação com relação à preservação da informação no ciberespaço. Segundo Monteiro e Carelli (2007), na Internet não há garantias de que uma informação esteja disponível depois de certo tempo, o que já prevemos com relação ao conceito de memória esquecida nas redes digitais, citado por Floridi (2014), que consiste nos diversos sites, links e perfis sem atualização e obsoletos no mundo digital. As imagens desses locais que em breve deixarão de existir também fisicamente precisam sempre de compartilhamento e reprodução em outros registros, principalmente se em algum momento o Instagram for descontinuado, a exemplo da rede social Orkut.

Figura 2.

Muro de uma das casas no bairro do Pinheiro



Nota: Projeto Ruptura - Instagram (2021).

Para Cunha (2011), as redes digitais proporcionam à memória registrada na exomemória tecnológica estar sempre presente neste tempo, não seguindo uma linearidade de pensamento passado, presente, futuro, mas “memória nunca mais será memória como conhecemos [...] sendo atualizada pelos fatos do passado que voltam a nos encontrar” (CUNHA, 2011, p. 102).

Figura 3.

Muro de uma das casas em um dos bairros

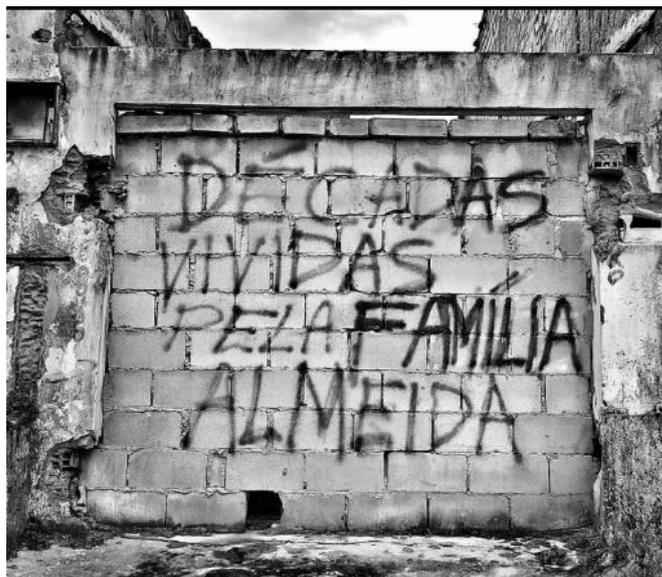


Nota: Projeto Ruptura - Instagram (2023).

Infelizmente, as memórias presentes nas postagens precisam de outros recursos para não desaparecerem, como o registro do registro, antecipado, antes que a base de dados particular onde estão registradas as memórias possa ser um dia excluída. Sendo assim, por intermédio do comando *print screen*, que possibilita uma fotografia, um congelamento da tela do computador, outro registro é realizado para que essa memória não se perca de vez.

Figura 4.

Muro de uma das casas em um dos bairros



Nota: Projeto Ruptura - Instagram (2023).

Trata-se uma característica da memória esquecida, sempre atualizada, perdendo a referência de passado, mantendo-nos sempre num presente perene. Para Floridi (2014), a verdadeira questão com a ideia de big data é saber selecionar o que de fato deve ser preservado e a capacidade de conseguir identificar o que há a deletar, o que já não nos serve, também pode ser libertador. De alguma forma isso já acontece com o caso específico das redes sociais e as memórias selecionadas e compartilhadas pelos usuários.

Contudo, as fotografias feitas a partir das inscrições nas casas nos bairros fantasmas e depositadas nas redes sociais estão numa categoria de arquivos imagéticos a serem aproveitados em sua maioria, pois como não há preservação ou algum tipo de conservação técnica desses que podem ser considerados pixos, todos tendem, como memória efêmera, a desaparecer junto com seu suporte em razão da ação do tempo, dos fenômenos naturais ou das demolições (consideradas necessárias pelo poder municipal), gerando o apagamento dessas memórias coletivas e individuais.

Figura 5.

Muro de uma das casas em um dos bairros



Nota: Projeto Ruptura - Instagram (2023).

Note-se que nas imagens analisadas, com exceção da Figura 2, há sempre referência ao tempo de permanência dos moradores naquela localidade. Para Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (Chauí, 1995, p. 125). Nessa relação tempo e memória, acrescentando a dimensão espaço, temos ainda a relação de identidade. Lembrar tendo como referencial a linha cronológica da nossa vida é uma maneira de saber quem se é, e nessa relação também pode-se acrescentar por onde se passou, viveu ou se esteve.

Nessas imagens, está clara a mensagem, que quase sempre faz alusão ao tempo de moradia das pessoas que ali habitavam: é como se dissessem: estamos saindo compulsoriamente, mas antes queremos deixar a nossa marca, a marca da emoção e da revolta,

no corpo da construção que nos abrigou e que neste momento nos é tomada, sendo que esse local é nosso corpo também, nosso corpo memorial, e por isso queremos deixar nosso rastro, nossa marca, para que dure o quanto puder durar, para que não sejam esquecidos os momentos que vivemos aqui como do crime socioambiental do qual estamos sendo vítimas.

Considerações Finais/Conclusões

Após a coleta de dados via fontes bibliográficas e digitais, a realização das análises de conteúdo das imagens publicadas na rede social Instagram e com base nos referenciais teóricos adotados, atendemos o problema de pesquisa, sobre o que já foi realizado a partir do meio físico para os meios digitais sobre o caso, no intuito de manter viva a memória efêmera dos grupos atingidos, numa tentativa de lutar contra o esquecimento conveniente, de outras partes envolvidas no processo. As imagens foram fotografadas e inseridas nas redes sociais, sendo o perfil do Projeto Ruptura um dos principais, que publica frequentemente imagens dos registros feitos pelos ex-moradores dos bairros fantasmas. Outras páginas também publicam fotografias e existem frames retirados de vídeos e documentários sobre o tema, porém o Projeto Ruptura publica especificamente essas memórias e tem contribuído significativamente para diversas memórias individuais e coletivas, mesmo que efêmeras. Foram também realizados documentários, onde aparecem muitas dessas imagens, que ficarão registradas mesmo após uma possível demolição dos suportes, nesse caso, as paredes das casas desocupadas.

Pessach (2008) chamou as redes sociais e outros mecanismos digitais de “instituições de memória em rede”, porém, cabe uma diferenciação do que seria uma memória digital para uma memória virtual. Para Massoni e Morigi (2017), o digital antecede o virtual, “[...] é a sua forma enquanto este ainda não foi compartilhado em ambientes colaborativos” (Massoni e Morigi, 2017, p. 7) Quando as fotos dos inscritos nos bairros fantasmas foram realizadas e armazenadas em repositórios, elas eram memória digital.

A partir do momento em que foram disponibilizadas nas redes sociais, se tornaram memória virtual em razão da socialização e interação, a partir do momento em que são inseridas em ambientes colaborativos. Mangan (2010) vai além e diz que a memória virtual só existe por causa da memória digital e o registro digital só adquire significado e status de memória social se virtualizado em plataforma interativa. No caso das imagens analisadas, tratam-se de memórias virtuais, pois são artefatos digitais inseridos num ambiente interativo e que representam infomemórias coletivas e individuais, ocasionando uma teia de interações e debates sobre o problema do crime socioambiental ocasionado pela mineração irregular realizada pela empresa Braskem. É importante que tais fotografias tenham sido feitas e disponibilizadas, pois trata-se de uma memória efêmera, que pode ser comparada, salvas as

devidas finalidades, a grafites e pixos urbanos logo apagados, mesmo que depois sua efemeridade passe para o meio digital, esse ainda é mais peregrino que uma parede à mercê de fenômenos naturais.

Sendo assim, concluímos que o material disponibilizado no Instagram é relevante para memórias individuais e coletivas dos ex-moradores dos bairros fantasmas, esses “lugares de memória em rede”, que permitem acessar e disseminar esse conteúdo. Nas redes sociais, as narrativas individuais encontram reverberação e se tornam coletivas. Os posts no Instagram a partir da materialidade nos bairros, trazem algo que conecta a todos de maneira rápida e comum: o sentimento, que se manifesta por intermédio da lembrança.

Por fim, chegamos à conclusão de que os artefatos fotográficos das inscrições existentes nos bairros fantasmas são importantes para a memória de Maceió, à medida que estão conectados à história das famílias e da catástrofe. Contudo, não há outras iniciativas que não as artísticas ou jornalísticas, como o Projeto Ruptura e outros, no sentido de preservação dessas memórias efêmeras, a não ser a inserção nas redes digitais, que também possuem suas limitações de efemeridade com relação ao registro de informação.

Agência financiadora

Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

REFERÊNCIAS

- Arhein, R. (1980). *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. Edusp.
- Assman, A. (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp.
- Bosi, E. (1998). *A Memória e a Sociedade. Lembrança de velhos*. Cia das Letras.
- Chauí, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ática.
- Cunha, M. R. da. (2011). A Memória na era da reconexão e do esquecimento. Em *Questão*, 17 (2), pp 101-115. <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/22062>.
- Floridi, L. (2014). *The 4th Revolution (A quarta revolução)*. Oxford. Disponível em: https://issc.al.uw.edu.pl/wp-content/uploads/sites/2/2022/05/Luciano-Floridi-The-Fourth-Revolution_-How-the-infosphere-is-reshaping-human-reality-Oxford-University-Press-2014.pdf.
- Prodanov, C. C.; Freitas, E. C. (2013) *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Feevale.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Mangan, P. K. V. *Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço*. In: França, M. C. C. C.; Lopes, C. G.; Bernd, Z. (Org.). *Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura*. Movimento; Unilasalle.
- Massoni, L. H; Morigi, V. J. *A efemeridade e a virtualização das memórias da cidade*. **Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/7692>.

- Monteiro, S. D; Carelli, A. E. (2007, 31 outubro) Ciberespaço, memória e esquecimento. [Comunicação Oral]. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Salvador. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/171512>.
- Nascimento, G. F. C. L; Azevedo, C. X. C. N. (2016, 25 novembro). Concepção Infomemorial no Campo da Ciência da Informação: Aspectos Teóricos e Epistemológicos. [Pôster]. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Salvador. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/191462>.
- Nascimento, P. dos S; Silva Sobrinho, H. F. da. A “língua da mineração”: produção de sentidos na comunicação midiática da empresa Braskem S.A. em Maceió-AL. **RUA**, Campinas, SP, v. 28, n. 1, p. 5–25, 2022. DOI: 10.20396/rua.v28i1.8670291. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8670291>.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história. A problemática dos lugares. Projeto História, 10, pp 7-28. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>.
- Pessach, G. (2008). Memory Institutions: Social Remebering, Privatization and Its Discontentes. *Journal of International Media and Entertainment Law*, 1. (n.2), p. 71-149. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1085267.
- Puls, M. (2016, março 11). *Cor ou preto e branco? Razões de uma escolha*. Zum - Revista de Fotografia. <https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb/>.